

Base das relações

colaboração da AIM

Agora sim, a África do Sul pode esperar de Moçambique um relacionamento económico que traga vantagens para ambas as partes.

Desde sempre, foi posição de Moçambique que a base de qualquer tipo de relacionamento Estado-Estado deveria ser um acordo de segurança. Sem ele tudo o resto seria fortuito. Sem ele, o Governo sul-africano poderia unilateralmente acumular vantagens económicas ao mesmo tempo que manteria a sua estratégia de desestabilização militar como arma para a mesa das negociações económicas.

O acordo de não-agressão é a base correcta para um relacionamento em que se dissipa o preconceito de «potência militar» da parte sul-africana.

O relacionamento económico que se prevê tem de ter por base o facto histórico de que Moçambique herdou do colonialismo uma economia de serviços, essencialmente virada para a África do Sul.

Interessa a Moçambique que os seus caminhos de ferro e o porto de Maputo, voltem a ser o canal de importação e exportação que foram para a centena de indústrias sul-africanas do Transvaal.

Parte importante da guerra não-declarada que Pretória lançou contra Moçambique foi a redução drástica de mercadoria no porto de Maputo e linha de Ressano Garcia. De 6 (seis) milhões de toneladas em 1975 para 1,1 milhão em 1983.

Os benefícios que Moçambique pode adquirir de um retorno a níveis normais de utilização dos seus serviços ferro-portuários pela África do Sul, tem como complemento o facto de isso ser extremamente mais barato para as indústrias do Transvaal do que a actual situação. O Estado sul-africano gasta milhões de rands, todos os anos, para subsidiar preços de transporte mais caro através dos portos sul-africanos. Ou o Estado sul-africano continua a fazer isso, o que implica maiores impostos para os sul-africanos, ou se o deixar de fazer centenas de indústrias do Transvaal vão à falência. É pois muito importante para essas indústrias que os serviços ferro-portuários moçambicanos sejam utilizados por elas o máximo possível.

Tudo o reto é adjacente a isto. Quaisquer negócios no campo da indústria, pescas, turismo e noutras áreas não podem sobrepor-se àquilo que é a base da economia moçambicana.

E para a África do Sul, não faz sentido prosseguir uma política de desestabilização económica quando ela acaba de abandonar a desestabilização militar.